

**DISCIPLINAMENTO DO CORPO FEMININO:
MÍDIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

**DISCIPLINING THE FEMININE BODY:
MEDIA AND PRODUCTION OF SUBJECTIVES**

Karla Jane Eyre da Cunha Bezerra Souza¹⁵

RESUMO: Estamos numa sociedade marcada pela individualidade de natureza narcisista, pelo culto às aparências e pela transformação do corpo em mercadoria (como algo que pode ser oferecido e comprado). E a mídia publiciza esses novos padrões de comportamentos para se conquistar o corpo belo e saudável, aquele que se insere no padrão estético vigente. Neste contexto, a cada dia surgem milhares de blogs que constituem novas práticas discursivas e incutem na mulher o padrão de beleza que deverá ser perseguido. Os blogs são novas tecnologias a serviço do poder que auxiliam na transmissão dos saberes do corpo, a fim de tornar o exercício do poder mais eficiente. Pretendemos aqui analisar, partindo de uma perspectiva foucaultiana, as relações de poder dos discursos sobre o corpo feminino e como esses discursos operam na fabricação de sujeitos de corpos submissos. Para esse fim selecionamos o blog <http://gabrielapugliesi.com/>, da Gabriela Pugliesi, que consiste numa ferramenta de interação direcionada ao público feminino cujo trabalho é construir e fazer circular discursos que promovem os estilos de vida tidos como saudáveis, caracterizados por dietas restritivas, séries de exercícios especializados em modelar milimetricamente o corpo e a ingestão de medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Poder. Corpo. Subjetividade.

ABSTRACT: We are in a society marked by narcissistic individuality, by the cult of appearances and the transformation of the body into commodity (as something that can be offered and bought). And the media publicize these new patterns of behavior in order to conquer the beautiful and healthy body, one that is part of the current aesthetic standard. In this context, every day thousands of blogs appear that constitute new discursive practices and instill in women the pattern of beauty that should be pursued. Blogs are new technologies at the service of power that help in the transmission of the knowledge of the body in order to make the exercise of power more efficient. We intend here to analyze, from a Foucault's perspective, the power relations of the discourses on the female body and how these discourses operate in the fabrication of subjects of submissive bodies. To that end, we selected Gabriela Pugliesi's blog <http://gabrielapugliesi.com/>, which is an interaction tool aimed at the female audience whose work is to build and circulate speeches that promote healthy lifestyles characterized by diets restrictive, series of exercises specialized in modeling the body and the ingestion of medications.

KEYWORDS: Power. Body. Subjectivity.

¹⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró-RN, Brasil, karlajane@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Há uma enorme preocupação dos indivíduos com os seus corpos e uma simultânea insatisfação em não corresponder à expectativa corporal que lhes é colocada pela sociedade na qual estão inseridos. Neste contexto, surge o “mercado da beleza”, constituído por academias de ginásticas, medicamentos, produtos de beleza, manuais de dietas e as cirurgias plásticas que materializam no corpo todo o trabalho da ideologia dominante, através da colonização do inconsciente. Todos os corpos e qualquer parte de sua materialidade podem ser modificados, trabalhados e aperfeiçoados, tornando-se assim um corpo dócil e útil ao sistema capitalista industrial que conduz a nossa contemporaneidade.

Estamos numa sociedade marcada pela individualidade de natureza narcisista, pelo culto às aparências e pela transformação do corpo em mercadoria (como algo que pode ser oferecido e comprado). O corpo é lugar de intervenções comerciais e políticas que constituem um corpo alienado e alienante, objeto e instrumento do poder que reproduz a imagem corporal idealizada e desperta o interesse, ou melhor, faz com que outros acreditem que precisam fazer parte dessa ordem discursiva e ser autorizados, também, a exibir o corpo. Há uma perseguição contínua deste modelo que é vendido através da mídia, com a promessa de que, o sujeito, ao alcançar este corpo ideal alcançará também a felicidade e o bem-estar. Nasce o novo arquétipo da felicidade, a felicidade corpórea.

Assiste-se ao desejo constante da visibilidade do corpo feminino, mas não é para qualquer corpo que é permitida a exposição. Não é qualquer corpo que pode ser exibido em sua interação como o outro e com o ambiente que o cerca. É dada a visibilidade somente àquele corpo obediente, disciplinado, modulado pelas relações de poder que o constituíram como sujeito. E na mídia vemos, exaustivamente, a reprodução dessas imagens corporais aliadas aos discursos que legitimam o padrão de beleza imposto socialmente e conduzem os sujeitos, principalmente as mulheres, para o interior de práticas discursivas controladoras que governam suas vidas e promovem a sujeição a esses discursos.

Neste contexto, a cada dia surgem milhares de *blogs* que constituem novas práticas discursivas e incutem na mulher o padrão estético que deverá ser perseguido. Os *blogs* são novas tecnologias a serviço do poder que auxiliam na

transmissão dos saberes do corpo, a fim de tornar o exercício do poder mais eficiente. Articulam a circulação de discursos que são recebidos pela sociedade como a verdade inquestionável, fazendo com que os indivíduos apropriem-se de suas ideias e de seus valores que conduzirão suas ações.

Pretendemos aqui analisar, partindo de uma perspectiva foucaultiana, as relações de poder dos discursos sobre o corpo feminino e como esses discursos operam na fabricação de sujeitos de corpos submissos. Para esse fim, selecionamos o *blog* <http://gabrielapugliesi.com/>, da Gabriela Pugliesi, que consiste numa ferramenta de interação direcionada ao público feminino cujo trabalho é construir e fazer circular discursos que promovem os estilos de vida tidos como saudáveis, caracterizados por dietas restritivas, séries de exercícios especializados em modelar milimetricamente o corpo e a ingestão de medicamentos.

2 SUJEITO E PODER

O sujeito, tido como resultado de relações sócio-históricas, constitui o objeto central das análises de Michel Foucault, cuja pesquisa procura “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). O interessante então não é saber o que é o sujeito humano, mas sim como o indivíduo torna-se sujeito perante as mais diversas práticas. Na concepção de Foucault, não se chega ao sujeito em si, a não ser pelas relações e práticas que o constitui.

Temos aqui um sujeito que não é totalmente livre (não tem o domínio absoluto de si) e nem completamente determinado por mecanismos exteriores a ele, sendo o resultado de relações de forças incessantes. O sujeito, conforme o pensamento foucaultiano, configura-se de maneira incompleta, pois não possui uma essência fixa e acabada. É formado pelas experiências históricas e constituído através das práticas e tecnologias desenvolvidas na sociedade (saber/ poder) para construir subjetividades e identidades obrigatórias. É um sujeito limitado pelos jogos da verdade de sua época e de sua cultura, construído no discurso e através dele, assumindo as posições próprias dos discursos que articula, ou seja, os indivíduos identificam-se com a posição de sujeito que lhes é atribuída no interior de um dado

discurso, sujeitando-se às suas regras e tornando-se portadores dos seus sentidos e de suas representações.

Para Foucault (1995), parece impossível falar do sujeito sem remeter ao fenômeno do poder, pois não existe sujeito fora das relações de poder. Machado (2017), seguindo o pensamento de Foucault, vai afirmar que este poder opera através de seus mecanismos na natureza do indivíduo, controlando seu comportamento, seu corpo, seu discurso, ditando regras, construindo condutas que se deve seguir para ser aceito em sociedade.

Estamos no interior de uma sociedade repleta de poderes cuja função é trabalhar o indivíduo a fim de inculcar uma nova forma de ser sujeito, aquela que vai oferecer uma certa utilidade. O poder, que funciona através do discurso, desenvolve procedimentos que controlam o que é dito, por quem é dito e como esses dizeres se distribuem na ordem discursiva. Limita a produção dos discursos, utilizando-se, para isso, das interdições e rejeições; e seleciona os sujeitos falantes, pois ninguém entrará na ordem do discurso se não atender a certas exigências (FOUCAULT, 2012). São procedimentos de rarefação do discurso, a fim de se efetivar as relações de poder, desviar os perigos e dominar seu acontecimento aleatório, ou seja, manter a ordem dos discursos controlada.

O discurso é ao mesmo tempo soberano e prisioneiro. Aquilo ao qual o homem cede, que o conduz em sua superfície translúcida, que age e pensa por ele, que dita os enunciados necessários e autoriza os enunciados possíveis. Mas também a exterioridade selvagem que precisa ser dominada por sistema de interditos e domesticada por fórmulas de legitimação; a fim de conjurar sua imprevisibilidade e fixá-la numa ordem (ROUANET, 1996, p. 13-14).

Vale lembrar que não estamos nos referindo aqui ao poder como um objeto, como algo que se possui ou lugar que se ocupa, mas ao poder multidirecional. São os micro-poderes dispersos em todas as sociedades, cujos efeitos controlam os discursos e determinam o sujeito, fabricando uma identidade obrigatória que é, ao mesmo tempo, efeito e instrumento do poder. A rede de poderes atravessa todas as instâncias da sociedade (escola, hospital, fábrica, prisão etc.), exercendo seus mecanismos de controle e buscando novos métodos e novos saberes para aperfeiçoar o trabalho da subjetivação. De acordo com Fernandes (2012, p.57), “o

poder coloca em jogo relações entre sujeitos. O poder é um exercício, *um modo de ação de alguns sobre outros*, existe somente em forma de ação, uma ação sobre sua própria ação, ação sobre ações, uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas”.

Machado (2017, p.18) ressalta que “ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto que se possui”. É uma forma de poder que penetra a vida cotidiana do indivíduo transformando-o em sujeito cuja condição é possível devido à proliferação de discursos, a partir da produção e reprodução pelos sistemas de poder, de determinados discursos com a finalidade de serem recebidos pela sociedade como a verdade que deve ser reconhecida. Tais discursos têm como função a determinação de papéis preestabelecidos para os sujeitos, no sentido de fazer com que os indivíduos apropriem-se de suas idéias e de seus valores que conduzirão suas ações. Assim esses sistemas de poder pretendem suscitar no indivíduo o papel que ele precisa desempenhar na sociedade.

3 PODER DISCIPLINAR E CORPO

Em seu livro intitulado “Vigiar e Punir”, Michel Foucault (2005) nos apresenta uma nova forma de poder coercitivo que trabalha diretamente o corpo do indivíduo para constituí-lo como sujeito. É o poder disciplinar que aparece a partir do século XVIII, no Ocidente, para substituir o poder soberano, predominante nos regimes absolutistas da Europa.

Os suplícios realizados em praça pública, que marcavam o corpo do condenado e retiravam-lhe a vida, tinham o propósito de causar dor e sofrimento físico para motivar a transformação da alma do supliciado e, dessa forma, alcançar a sua salvação no outro mundo, em acordo com a crença religiosa dominante da época. As revoluções liberais e o desenvolvimento do iluminismo, resultados da conseqüente transformação do campo dos saberes, transformaram a sociedade da época, fazendo com que os corpos marcados e esquartejados, dados como espetáculo, despertassem o terror e o repúdio da população.

A punição pouco a pouco deixou de ser uma cena. E tudo o que pudesse implicar de espetáculo desde então terá um cunho negativo; e como as funções da cerimônia penal deixavam pouco a pouco de ser compreendidas, ficou a suspeita de que tal rito que dava um ‘fecho’ ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes aos assassinos, invertendo no ultimo momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e admiração” (FOUCAULT, 2005, p. 25).

O poder de soberania concedeu espaço ao poder disciplinar, que elege o corpo como objeto e alvo de poder. A partir dessas transformações socioculturais, resultantes do desenvolvimento do campo do conhecimento, momento em que o indivíduo se torna o objeto sobre o qual recai o saber, houve uma mudança de objetivo e fez surgir a preocupação de salvar o corpo ainda neste mundo, de mantê-lo vivo para discipliná-lo e controlá-lo. Nasce daí a preocupação de “não mais tocar no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente” (FOUCAULT, 2005, p. 14). O corpo encontra-se em posição de instrumento ou de intermediário, que responde à ação do poder através de comportamentos, de ações, de práticas que constituirão o indivíduo como sujeito. O corpo torna-se a superfície de disciplinamento.

O indivíduo está inserido numa “*economia política*” do corpo, ainda que não seja para castigá-lo, reprimi-lo, ainda que não se utilize da violência. Nesse jogo de relações, é o corpo que interessa, o poder utiliza métodos para corrigi-lo ou adestrá-lo, a fim de usufruir de suas forças e assegurar vantagens. Aproveita-se da utilidade e docilidade do sujeito, através da submissão do corpo. Não significa dizer que a teoria do poder se fundamenta numa relação de apropriação do corpo, como o que acontece na escravidão, mas sim a uma rede de relações sempre em atividade, a um jogo de técnicas, de funcionamentos que agem sobre o corpo a fim de transformá-lo e aperfeiçoá-lo.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela

procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2005, p. 119).

Toda relação de poder repercute em um campo de saber. “Poder e saber estão diretamente implicados; toda relação de poder requer um campo de saber. Da mesma maneira, o saber é produzido em relações de poder múltiplas” (FERNANDES, 2012, p. 61). O corpo, superfície sobre a qual recai o poder, transforma-se em objeto de saber e, a partir de sua observação e exame, forma-se o acúmulo de informações, de saberes sobre o corpo, que busca estratégias para manter o controle desse corpo, preso nas malhas finas dos poderes.

4 CORPO E MÍDIA

Na primeira figura de nosso *corpus*, temos uma pequena apresentação da blogueira *fitness* (a palavra do momento), Gabriela Pugliesi, que exhibe o seu corpo como um troféu conquistado. Antes era uma anônima e hoje, após o trabalho de transformação do próprio corpo, tornou-se uma celebridade. O seu corpo lhe trouxe visibilidade na mídia e autorização para falar.

FIGURA 1: Apresentação da Blogueira.



FONTE: <http://gabrielapugliesi.com/sobre/>

Evidenciamos, no curto texto da **Figura 1**, a tentativa de aproximação com os leitores, para assim trazê-los ao interior das relações de poder que irão modelar milimetricamente o seu corpo. É possível perceber também a revelação de que aquele corpo fora do padrão estético estabelecido é tratado como um corpo doente com problemas de autoestima.

Michelle Perrot (2003) vem nos dizer que a história do corpo feminino é envolvida pelo silêncio, fala-se desse corpo, porém, ele se cala. Hoje a mulher está autorizada a falar de seu corpo, mas para falar somente os discursos autorizados, aqueles que vão fortalecer o padrão estético estabelecido socialmente. No *blog* analisado, há circulação de discursos que buscam a padronização de estilos de vida e a incitação de comportamentos.

Na época contemporânea, as coisas mudam, o foco e o ruído se modificam. O corpo em geral, o corpo da mulher em particular, por ser estratégico no jogo demográfico, passa a ser um centro de saberes mais apurados, de poderes mais articulados e, conseqüentemente, lugar de um discurso superabundante, às vezes até verborrágico. (PERROT, 2003, p.22).

O corpo assume hoje uma posição que antes fora ocupada pela alma, numa época em que se anulava o corpo e buscava-se a salvação da alma no “outro mundo”, ou seja, atualmente grande parte das preocupações e cuidados volta-se para o corpo. Ganham importância nos estudos sobre a corporeidade contemporânea o corpo-atleta, o corpo-sexo, o corpo medicalizado, o corpo higienizado, o corpo transformado por intervenções cirúrgicas etc. Crescem as atenções para o corpo, seja para proporcionar-lhe saúde ou para preservar a sua juventude e beleza. Diante disso, uma série de procedimentos de cuidados corporais é desenvolvida e imposta à mulher, com o propósito de garantir a sua salvação ainda “neste mundo”.

O avanço, no campo dos saberes sobre esporte e saúde, transforma o cenário social. As atividades físicas, que antes eram restritas aos espaços dos clubes e estádios, alcançam também as moradias e a vida cotidiana das pessoas comuns, aquelas que não são atletas profissionais. A mídia vem auxiliar na propagação dessas novas ideias, fazendo com que ocorra uma expansão das academias de ginástica aliada à valorização da imagem corpórea. Promove também

a circulação de novos discursos que pretendem fabricar novos sujeitos, com temas relacionados a calorias adquiridas ou eliminadas, massa muscular definida, dietas alimentares, suplementos nutricionais, cuidados corporais etc.

O corpo deixa de ser censurado e flagelado, deixa de ser o lugar do pecado como foi no passado dominado pela moral religiosa, para hoje ganhar sua dignidade e importância. Mas, à medida que cresce a circulação dos discursos que valorizam o corpo, cresce também a circulação dos discursos que o exploram, transformando-o em mercadoria na indústria da beleza e bem-estar:

Assim, se o corpo é reconhecido como sujeito primordial, sensível e tão importante quanto em outros momentos fora a alma, justamente por ter ganho tal importância, ele também se tornou objeto de imensas curiosidades, de intensas explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais. Em suma, tudo se passa como se após séculos de culpabilizações, o corpo tivesse conquistado um lugar de destaque, tanto para ser finalmente valorizado como para ser mais amplamente explorado (SANT'ANNA, 2000, p. 245).

Temos, como resultado dessa exploração, um corpo plástico e inacabado, capturado para o interior de relações de poder que promovem um processo contínuo de modificações oferecidas pelas novas tecnologias e saberes sobre o corpo.

Na Figura 2, temos o modelo de corpo que é determinado pelo *blog*. Todas as mulheres, de corpos bastante parecidos, exibem a magreza e a definição dos músculos adquiridos pela mais nova atividade corporal, buscando propagar esse modelo por meio da imagem capturada pelas lentes da câmera. Observamos a circulação dos discursos estéticos e médicos, associados à propagação abundante de imagens corporais que promovem a normalização da sociedade com a constituição de novas subjetividades a serem adotadas. Fabricam-se novos sujeitos, de corpos dóceis e disciplinados que se autocontrolam, autovigiam e autogovernam pelo desejo da visibilidade e de fazer parte dessa nova comunidade narcisista e individualista. São práticas que nos revelam “uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito” (ORTEGA, 2003, p. 63).

FIGURA 2: Modelo de corpo perfeito.



FONTE: <http://gabrielpugliesi.com/velocity/>

Assim, o sujeito, objeto das relações de poder e de saber, constitui-se através de técnicas que individualizam e segregam, fazendo com que perceba aquele corpo que está fora do padrão estético como um corpo doente e inapto.

Como veremos a seguir, as relações de poder, amparadas por um determinado campo do saber, instituem técnicas padronizadoras a partir da circulação de discursos que tematizam a saúde relacionada a um padrão corporal.

A Figura 3, que é apresentada no *blog* sob o título “Falsa magra”, tem a exposição de mulheres de corpos magros, porém, diferentes do modelo de corpo proposto pelo *blog*.

FIGURA 3: Modelo de Mulher falsa magra.



FONTE: <http://gabrielapugliesi.com/falsa-magra/>

A blogueira traz uma nutricionista, com a finalidade de validar o seu discurso, para reafirmar que o corpo saudável e verdadeiramente magro é aquele enquadrado no padrão de beleza vigente, ou seja, corpos com musculatura definida que evidenciam baixo percentual de gordura corporal. Esses corpos exibidos na figura 3 são modelos a não serem seguidos, pois possuem celulites e flacidez (características abomináveis nesta sociedade corpórea). Dessa forma, é possível perceber que os discursos, investidos de poder-saber, buscam induzir comportamentos para que o corpo opere “como” o poder deseja. O resultado final desse processo não é o objetivo das relações de poder. Ao contrário, elas almejam a prisão do corpo num processo contínuo de consumo dos estilos de vida impostos pela mídia, com a prática de exercícios físicos, ingestão de alimentos “saudáveis”, uso de medicamentos, cirurgias plásticas etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos do *blog* que analisamos fazem crescer uma sociedade narcisista que se fundamenta a partir do culto ao próprio corpo. São discursos que

excluem e incluem, distinguem os indivíduos, separando-os uns dos outros, selecionam os que podem exibir o corpo e os que devem cobri-lo. O corpo passa a ocupar um lugar de recompensa e torna-se objeto de veneração.

Neste cenário, surgem os manuais para conquistar uma vida feliz, com receitas que conduzem vidas na atualidade e orientam comportamentos para alcançar um corpo saudável e belo. Dessa forma, grande parte das preocupações individuais passa a ser centralizada no corpo: quanto ele pesa, como ele se apresenta, o que ele veste, a idade que ele aparenta etc. Por trás disso, há uma indústria da beleza e do bem-estar, enriquecendo com essas preocupações cotidianas e promovendo novas técnicas para manter esse corpo submisso e consumista, preso na constante busca pelo corpo perfeito.

REFERÊNCIAS

BLOG GABRIELA PUGLIESI. Disponível em:

<<http://gabrielpugliesi.com/>> Acesso em: 28 de novembro de 2016.

FOUCAULT, Michel (1995). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249. 299p. ISBN 85-218-0158-0.

_____ (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 262p. ISBN 85-326-0508-7.

_____ (1971). *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 74p. ISBN 978-85-15-01359-3.

FERNANDES, Cleudemar Alves (2012). *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. 106p. ISBN 978-85-64586-31-4.

MACHADO, Roberto (2014). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017, p. 7-54. 431p. ISBN 978-85-7753-296-4.

ORTEGA, Francisco (2003). Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. *Cadernos saúde coletiva*. v.11, n. 1, p. 59-77. ISSN 1414-462x.

PERROT, Michelle (2003). Os silêncios da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. 1. Ed. São Paulo: UNESP, 2003, p. 13-27. 221p. ISBN 85-7139-458-x.

ROUANET, Sérgio Paulo (1971). *O Homem e o Discurso: A arqueologia de Michel Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 139p. ISBN 978-85-2820-146-8.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (2000). As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*. n. 14, p. 235-249. ISSN 1809-4449.